

VIA TEOLÓGICA

Volume 26 – Número 52 – dez./2025
ISSN 2526-4303

O DISCIPULADO BÍBLICO E O VALOR DA OBEDIÊNCIA

BIBLICAL DISCIPLESHIP AND THE VALUE OF
OBEDIENCE

Me. Lourival Viana Moreira



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

O DISCIPULADO BÍBLICO E O VALOR DA OBEDIÊNCIA

BIBLICAL DISCIPLESHIP AND THE VALUE OF OBEDIENCE

Me. Lourival Viana Moreira¹

¹ O autor é graduado em Biologia pela Universidade do Rio de Janeiro (UERJ). Bacharel em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil (FACETEN). Especialista em Planejamento e Gestão Ambiental pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Mestrado Profissional em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). E-mail: valsquarema@yahoo.com.br.

RESUMO

O discipulado bíblico está intrinsecamente relacionado à obediência. Jesus declarou: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos” (Jo 14.15). Dessa forma, é possível afirmar que a obediência aos princípios e mandamentos das Escrituras Sagradas funciona como uma base sólida no processo de discipulado. Tem-se por objetivo neste artigo compreender o processo de discipulado em sua natureza, significado e sentido bíblico-teológico. Nessa perspectiva, será conveniente apresentar um destaque à instrução do Mestre aos seus aprendizes, ressaltando os princípios de seleção, associação e instrução. Além disso, um panorama do sentido da obediência nas Escrituras permitirá realçar a importância da conexão “ouvir-obedecer” para a arte de fazer discípulos. O estudo justifica-se e é relevante porque o discipulado é um dos principais temas relacionados à vida cristã. A metodologia usada neste trabalho está baseada em uma investigação qualitativa, de corte bibliográfico-descritivo. Inicialmente, buscou-se fazer um levantamento bibliográfico sobre significado, contextos e aplicações referentes ao discipulado e à instrução bíblica para a obediência. Logo após, o pesquisador realizou a análise, no sentido bíblico-teológico, da relação entre discipulado e obediência. Em relação ao procedimento, empregou-se os métodos comparativo, histórico e exegético.

PALAVRAS-CHAVE:

Discipulado. Discípulo. Obediência. Cristo.

ABSTRACT

Biblical discipleship is intrinsically related to obedience. Jesus declared, “If you love me, you will keep my commandments” (John 14:15). Thus, it is possible to affirm that obedience to the principles and commandments of the Holy Scriptures functions as a solid foundation in the discipleship process. The aim of this article is to understand the process of discipleship in its nature, meaning and biblical-theological sense. From this perspective, it will be appropriate to highlight the Master’s instruction to his apprentices, emphasizing the principles of selection, association and instruction. In addition, an overview of the meaning of obedience in the Scriptures will highlight the importance of the “listen-obey” connection for the art of making disciples. The study is justified and relevant because discipleship is one of the main themes related to Christian life. The methodology used in this work is based on a qualitative, bibliographical-descriptive investigation. Initially, a bibliographical survey was carried out on the meaning, contexts and applications of discipleship and biblical instruction in obedience. Then the researcher carried out an analysis, in a biblical-theological sense, of the relationship between discipleship and obedience. In terms of procedure, the comparative, historical and exegetical methods were used.

KEYWORDS:

Discipleship. Disciple. Obedience. Christ.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, busca-se inicialmente examinar a natureza, o significado e o sentido bíblico-teológico do processo de discipulado. Além desses enfoques, ressaltam-se os princípios (seleção, associação e instrução) encontrados no modelo de discipulado instituído por Cristo, os vínculos “discipulado-obediência” e “discipulado-renúncia” como aspectos relevantes para a implementação da missão discipuladora.

Diante disto, pode-se afirmar que o discipulado bíblico principia na obediência ao Senhor. A instrução da Palavra de Deus aos seus servos está intrinsecamente relacionada à obediência. Jesus declarou: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos” (Jo 14.15). Dessa afirmação depreende-se que não é possível dissociar a obediência à Palavra da demonstração de amor ao Senhor. Fica claro que a obediência aos princípios e mandamentos das Escrituras Sagradas funciona como um firme fundamento no processo de discipulado.

O Antigo Testamento (AT) ressalta que os verdadeiros seguidores do Senhor eram aqueles que viviam submissos à sua vontade. O Novo Testamento (NT) apresenta a obediência como um dos requisitos necessários para se tornar um discípulo de Jesus. É possível fazer uma análise mais apurada a respeito da relação do discipulado com a obediência. Assim, o aspecto da obediência pode ser estudado em relação ao modelo de fazer discípulos, adotado por Cristo.

I. A NATUREZA, O SIGNIFICADO E O SENTIDO BÍBLICO-TEOLÓGICO DO DISCIPULADO

Nas Escrituras Sagradas, a palavra discípulo, no parecer de Comfort e Elwell (2015, p. 503), é encontrada quase exclusivamente nos Evangelhos e em Atos dos Apóstolos, tendo como exceções: Isaías 8.16, 50.4 e 54.13. Nessas duas últimas referências, para esses autores, o mesmo termo hebraico é traduzido, respectivamente, por “aprendido” e “ensinado”. A raiz etimológica da palavra discípulo, de acordo com Sousa (2016), encontra-se na própria Bíblia, pois é um vocábulo usado tanto no contexto hebraico quanto no grego. Sousa ainda afirma que, no AT, usava-se o termo “*talmidim*” entre os hebreus, para se referir a um discípulo, e, no NT, embora existam vários termos gregos correspondentes à palavra discípulo, o principal termo, contudo, é “*mathetes*”.

O significado de *mathetes*, segundo Verbrugge (2018, p. 373), corresponde a um aprendiz, aluno, discípulo e é registrado 261 vezes, tão somente nos Evangelhos e no Livro de Atos dos Apóstolos. Uma pessoa torna-se um *mathetes* assim que se une a outra pessoa no intuito de adquirir entendimento prático e teórico. Verbrugge ainda ressalta que esse vocábulo deriva do verbo *manthano* (aprender), que, na Septuaginta, significa compreender plenamente a história das ações redentoras da vontade divina e aponta para um processo pelo qual a vivência passada do amor do Senhor é retratada pelos discípulos, no sentido de obediência à *Torá* (cf. Dt 4.14).

A ausência no AT de palavras para discípulo, conforme Verbrugge (2018, p. 373), tem relação com a percepção de que Israel existe na condição de povo eleito. Sendo assim, a condição de indivíduo contava pouco. Além disso, o profeta e o sacerdote não ensinavam com fundamento na autoridade pessoal; por isso, aqueles que acompanharam Moisés e os profetas são identificados como servos e auxiliares, e não alunos (Êx 24.13; Nm 11.28; 1 Rs 19.19-21; 2 Rs 4.12).

Vale frisar que o termo discípulo, para Bosch (2002), é muito mais central no evangelho de Mateus do que em Marcos e Lucas. O vocábulo aparece 73 vezes nos textos de Mateus, em comparação a 46 e 37 vezes em Marcos e Lucas, respectivamente. Ele ainda acrescenta que discípulo, na verdade, é o único nome atribuído aos seguidores de Jesus nos evangelhos. A palavra que mais frequentemente acompanha “discípulo” é o verbo *akoulouthen*, que significa “seguir (após)”. No que tange à abrangência do sentido do vocábulo *mathetes*, em Marcos e Lucas, a palavra “discípulos” refere-se apenas aos doze. No caso de Mateus, em termos positivos, os primeiros discípulos são modelos da igreja. Ao escrever sobre o interesse do NT no termo *mathetes*, Verbrugge declara: “Os evangelistas provavelmente o tomaram do jud. hel., mas deram-lhe um novo caráter, associando-o a Jesus” (VERBRUGGE, 2018, p. 373).

A palavra discípulo, em português, conforme Stern (2008), não consegue traduzir o pleno sentido da relação entre o mestre e seus *talmidim* no primeiro século da Era Cristã. Stern afirma que esse relacionamento, na verdade, baseava-se na confiança em cada dimensão da vida, e seu propósito era fazer com que o *talmid* (singular de *talmidim*) fosse igual ao seu mestre em sabedoria e conduta ética. Sendo assim, os seguidores dedicavam-se de todo coração a seus professores.

Ante o exposto, compreende-se que é necessário buscar o verdadeiro sentido de palavras e expressões do NT, como, por exemplo, as contidas em: “Eu te glorificarei na terra, completando a obra que me deste para fazer” (Jo 17.4). Nessa declaração de Jesus ao Pai, o Mestre ressaltou que esses doze homens eram sua obra, pois, durante seu ministério, entregou-se totalmente em prol deles (EIMS, 2002, p. 32). A organização do discipulado apresentado por Cristo é um fator preponderante para se compreender a natureza, o significado e o sentido do discipulado.

2. O MESTRE JESUS E OS TRÊS PRINCÍPIOS

Jesus escolheu, inicialmente, doze indivíduos para se tornarem seus aprendizes. A Bíblia também registra que, em outro momento, o Mestre chamou outros setenta (Lc 10.1). Harrison argumenta que “só Lucas registra a missão dos Setenta. Jesus devia ter muitos discípulos se pôde enviar setenta homens numa missão missionária pelas cidades da Galileia e Judeia” (HARRISON, 2017, vol. 2, p. 233). Sousa acrescenta que “ao instituir um círculo de doze homens, Jesus estava fracionando o grupo maior dos seus seguidores” (SOUSA, 2016, p. 21).

O discipulado que Jesus ofereceu aos seus discípulos, na concepção de Eims (2002, p. 33-38), pode ser compreendido por meio de três princípios: seleção, associação e instrução. Isso implica na escolha do discípulo, no relacionamento e convivência entre mestre e aluno e no ensino cuidadoso da Palavra. Mesmo hoje, esses princípios não devem ser negligenciados na realização do discipulado na igreja local.

2.1 O MESTRE JESUS E O PRINCÍPIO DE SELEÇÃO

No que se refere à importância da escolha dos discípulos, vale frisar que “no Judaísmo da época de Jesus, o *talmid* tinha a prerrogativa de escolher seu próprio mestre e ligar-se a ele. Nenhum dos discípulos de Jesus, entretanto, se liga a ele a partir de sua própria volição” (BOSCH, 2002, p. 58-59). Nesse sentido, Verbrugge destaca quatro diferenças notáveis entre os discípulos de Cristo e os discípulos dos rabinos:

- (a) Jesus não esperou por seguidores voluntários. Com autoridade divina, ele chamou pessoas como Deus chamou os profetas no AT (Mc 1.16-18 par.; Mt 8.22). (b) Jesus não

chamou seus seguidores para dominar certas tradições. Pelo contrário, ele apontou para o raio futuro do reino de Deus (Lc 9.59,60) [...]. (c) Aquele que aceita o novo chamado abre mão de um antigo. Entretanto, essa não é uma precondição opressiva; ela se segue de forma autoevidente (Mc 1.16-20; Mt 9.9) [...]. (d) Uma vez que o discípulo não pode esperar um futuro melhor do que o de seu próprio Senhor (cf. Mt 10.24,25), a prontidão para o sofrimento torna-se uma parte do discipulado: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34; cf. Mt 10.38) (VERBRUGGE, 2018, p. 373).

A postura de Cristo – ao adotar um princípio de seleção para o discipulado – permite destacar que “qualquer pessoa que queira se envolver no ministério de fazer discípulos [...] deve analisar o aspecto seletivo com atenção [...] através da seleção evitam-se desapontamentos [...] na escolha da pessoa errada” (EIMS, 2002, p.33). Quanto a esse enfoque, Phillips amplia o entendimento ao pontuar que “Jesus demonstrou seu compromisso com uma escolha de qualidade ao chamar apenas alguns homens dentre as multidões (Lc 6.13). Alguns que quiseram estar com ele receberam a resposta de que não poderiam (Lc 8.38,39)” (PHILLIPS, 2008, p. 94). Phillips ainda destaca que Jesus, a fim de ministrar efetivamente, concentrou-se em discipular poucos indivíduos e excluiu da sua convocação as pessoas com prioridades erradas, os autoconfiantes e os indivíduos que estavam presos a antigas motivações.

Na época do ministério terreno de Cristo, conforme se considera nos preceitos do judaísmo, “para ser convocado pelo mestre, o discípulo deveria apresentar algumas qualificações, como por exemplo, ter memorizado a *Torá*, além de possuir potencial para se tornar um mestre no futuro” (NEVES, 2018, p. 26). O Mestre, todavia, não fez uma escolha baseado em critérios de capacidade intelectual, tipo de temperamento ou padrão de personalidade. Dessa forma, compete salientar que “na hora de escolher homens e mulheres para discipular, é necessário abandonar nossa propensão ao conformismo e seguir o exemplo de Cristo” (EIMS, 2002, p. 34). Por esse motivo, “encontrar um discípulo exige do discipulador a capacidade de presenciar potencial e disposição para aprender na pessoa escolhida” (SOUSA, 2016, p. 28).

Para corroborar com a ideia de seguimento trazida por Jesus, Mateus relata a chamada dos quatro primeiros discípulos (Mt 4.18-23). A análise desse texto sem fazer um paralelo com os demais evangelhos pode levar a uma conclusão de que Jesus fez as primeiras escolhas sem muito cuidado. Ademais, é preciso levar em conta que os quatro evangelistas tiveram propósitos e destinatários específicos quando escreveram seus evangelhos. Por conseguinte, as informações tendem a se complementarem. Nessa perspectiva, a narrativa de João cumpre esta função em relação à narrativa de Mateus.

O registro de João apresenta o “[...] primeiro encontro de Jesus de Nazaré com cinco homens humildes, André, Pedro, Filipe, Natanael e outro cujo nome não foi mencionado” (BRUCE, 2016, p. 11). O local onde ocorreu esse chamado, de acordo com Neves (2018, p. 26), ainda gera controvérsia entre estudiosos dos Evangelhos. O texto de João aponta para a Judeia, lugar onde João Batista pregava. Já em Mateus, o lugar do chamado é a Galileia. Contudo, os comentaristas normalmente mencionam duas chamadas: uma na Judeia e outra definitiva na Galileia, quando Cristo inaugurou o seu ministério, depois de saber que João Batista estava preso.

No entendimento de Harrison (2017, p. 36), Jesus já conhecia alguns desses pescadores, se não todos, quando passara pela Judeia (Jo 1.35-42). Mas foi na Galileia onde ocorreu a efetivação desse relacionamento. É possível afirmar que “Jesus fez pescadores de homens aqueles que estavam dispostos a segui-lo (Mt 4.19)” (PHILLIPS, 2008, p. 91). Esses cinco primeiros discípulos escolhidos, para Bruce (2007, p. 18-19), eram homens piedosos que, provavelmente, foram seguidores de João Batista (com certeza, dois deles foram). E se todos os discípulos de João Batista fossem de alguma maneira como ele, seriam pessoas famintas e sedentas pela verdadeira justiça, cansados dos “justos” populares da época.

O NT apresenta também o momento da nomeação dos doze discípulos (Mt 10.1-4; Mc 3.13-19; Lc 6.12-16 e At 1.13). É preciso destacar que “os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas registram a eleição dos doze, mas cada um dá uma ênfase diferente [...]”. O que coincide na lista sinótica é que todas começam com Pedro, o líder, e terminam com Judas o traidor” (NEVES, 2018, p. 32). Comparando-se as quatro listas do NT, segundo Harrison (2017, p. 54), existem três grupos com os quatro nomes iguais, apesar de nem sempre numa mesma sequência. Todavia, Pedro, Filipe e Tiago (filho de Alfeu) sempre aparecem como os primeiros nos grupos um, dois e três, respectivamente. Judas Iscariotes quando inserido é sempre o derradeiro. Mateus utiliza uma citação dos discípulos aos pares, provavelmente em função do modo como eles foram enviados (Mc 6.7).

É possível afirmar que os discípulos de Cristo, no parecer de Eims (2002, p. 33-34), eram homens comuns, mas cada um tinha sua própria identidade e singularidade. Um exemplo ilustra o que se quer afirmar: antes do chamado, Simão odiava os romanos por ser um Zelote e Mateus cobrava impostos para Roma. Jesus, inicialmente, os capacitou a fim de anunciarem a chegada do Reino dos Céus às “[...] ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10.5-6). Além disso, essa missão consistia em “[...] curar as enfermidades, e expulsar os demônios” (Mc 3.15). Assim, entende-se que “esses homens, com tão diferentes personalidades, experiências, educação e vocações não eram uma escolha comum para futuros líderes de um movimento religioso” (A BÍBLIA DA MULHER, 2010, p. 1472).

Quanto ao chamamento dos discípulos, por parte de Jesus, é importante destacar a estratégia por Ele utilizada, o que é narrado da seguinte forma por Lucas: “E aconteceu que, naqueles dias, subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus. E, quando já era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem [...] deu o nome de apóstolos” (Lc 6.12-13). O Mestre orou por toda a noite, para escolher, no dia seguinte, seus doze aprendizes. Isso significa que essa atitude de buscar um direcionamento no Pai “[...] é um dos pontos importantes da seleção. Jesus não escolheu a primeira pessoa que demonstrou interesse; para Ele, aquele era um momento decisivo, com consequências imprevisíveis” (EIMS, 2002, p. 33). A busca de Jesus não era simplesmente por números, mas por pessoas que desejavam ter um comprometimento com ele e com seus ensinamentos. Seu interesse maior foi selecionar discípulos conscientes do custo do discipulado e comprometidos em segui-lo.

A escolha de Judas Iscariotes entre os doze é também um fator importante a ser analisado neste processo de seleção. João relata que: “Então Jesus lhes disse: Não é fato que eu escolhi vocês, os doze? Mas um de vocês é um diabo. Ele se referia a Judas, filho de Simão Iscariotes, porque este sendo um dos doze, era que o haveria de trair” (Jo 6.70-71). Com base nesse texto, é possível afirmar que “Jesus o escolheu para ser um dos doze, mas sabia, desde o início, que ele era ‘um Diabo’ [...]” (CARSON, 2007, p. 293). Contudo, isso não significa que Judas era “[...] um instrumento de Satanás quando Cristo o escolheu, mas que tornara tal” (HARRISON, 2017, p. 306). Convém ressaltar que a escolha de Judas por Jesus é mais um exemplo da “[...] realidade da soberania divina em ação com a liberdade humana” (EARLE, 2006, p. 74).

O discipulador tem a tarefa de promover a inserção do discípulo em um grupo sadio e funcional. Por isso, o desenvolvimento de um pré-discipulado, na visão de Phillips (PHILLIPS, 2008, p. 94), é útil a fim de avaliar a profundidade do comprometimento e desenvolver maturidade espiritual do aluno. Phillips explica que o aprendiz – por meio da observação e experimentação – terá condições de ser um imitador de Cristo, e, durante o pré-discipulado, o mestre deverá conduzir seu discípulo às disciplinas espirituais, tais como o estudo regular da Bíblia, a oração, a adoração e a meditação.

2.2 O MESTRE JESUS E O PRINCÍPIO DA ASSOCIAÇÃO

O discipulado proposto e cultivado por Jesus priorizava o desenvolvimento do relacionamento entre mestre e discípulo. Deve-se, contudo, assimilar que “essa ideia não era novidade na época, pois no Antigo Testamento existem vários exemplos de homens treinados para o ministério associados com outros homens” (EIMS, 2002, p. 35). A Bíblia apresenta, na visão de Dever (2016, p. 32-33), inúmeros exemplos de relacionamentos de discipulado, tais como: Moisés e Josué, Eli e Samuel, Elias e Eliseu. No caso de Jesus, o discipulado é marcado por seu investimento numa relação com um grupo de doze homens. Esse relacionamento, na narrativa do evangelista Marcos, teve início a partir de um chamado: “E subiu ao monte e chamou para si os que ele quis; e vieram a ele. E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandassem a pregar” (Mc 3.13-14).

Esses discípulos, inicialmente, aprenderam sobre Jesus, para mais tarde cumprirem a missão de discipular. Ele os chamou porque trazia consigo o incomparável amor que gera vida com Deus e em Deus. Essa oferta graciosa do Mestre foi fundamental para ensinar que “o motivo para discipular outras pessoas começa no amor de Deus e em nada mais” (DEVER, 2016, p. 19). Um amor que liga o filho ao seu Pai. Com isso, Cristo ofereceu aos seus seguidores um discipulado profundo em relacionamento e convivência. Por conseguinte, os ensinamentos de Jesus causaram um impacto profundo no intelecto, na emoção e na vontade dos seus aprendizes. Por isso, “quanto maior o nível de envolvimento no processo de aprendizagem, maior o volume do conteúdo aprendido” (HENDRICKS, 2015, p. 56). Para Warren (2008, p. 207), as pessoas aprendem a ser como Cristo ao passarem tempo com Ele. Isso significa discipulado: querer imitar o Senhor.

Cabe enfatizar que “[...] as palavras ‘fazei discípulos’, para o grego, traduz-se em uma palavra só, ‘*matheteusate*’ (Mateus 28.19), que significa no NT ‘fazer discípulos, treinar em discipulado’” (JACOMINI, 2019, p. 50). Nessa perspectiva, Jesus promoveu um discipulado, conforme Phillips (2008, p. 19), baseado num relacionamento com homens escolhidos e em treinamento, para difundir a mensagem do Reino de Deus. Foi uma convivência intensa por três anos. Nesse período, os doze aprendizes escutaram sermões e memorizaram seus ensinamentos. Mas, acima de tudo, presenciaram o Mestre praticar o que Ele ensinava.

Jesus deixou um modelo de discipulado que, na visão de Phillips (2008, p. 105), é caracterizado por um encontro de vidas. Não é apenas o cumprimento de um plano de estudo. É um investimento de reproduzir plenitude de vida no discípulo. Por isso, o discipulado é essencialmente relacional. A força do relacionamento determinará o sucesso dessa reprodução de vida em Cristo. Nesse sentido, no parecer de Arantes (2020, p. 27), quando Cristo vocacionou seus doze aprendizes ao discipulado, Ele já tinha um propósito estabelecido. Por meio da convivência com seus alunos, Jesus queria conduzi-los ao crescimento espiritual a fim de promover a frutificação. Os frutos desse relacionamento compreenderiam a reprodução do caráter de Cristo, do seu amor e do seu ministério por todas as nações. Esse discipulado relacional é retratado na figura da videira verdadeira apresentada por Jesus (Jo 15.1-11).

O texto supracitado indica provavelmente que Jesus usou a expressão “Eu sou a videira verdadeira” (v.1), para “estabelecer um contraste com Israel, a vinha plantada por Deus que provou ser estéril (Is 5.1-7). Verdadeira. Tudo o que uma videira deveria ser no sentido espiritual” (HARRISON, 2017, p. 338). A videira verdadeira (*alêthinos*) é o próprio Cristo e seus discípulos que são inseridos nEle. Essa metáfora sugere inclusão, habitação mútua e frutificação (CARSON, 2007, p. 514). No entendimento mais aprofundado dessa passagem bíblica, pode-se ressaltar que “a metáfora da ‘videira’ ilustra o relacionamento íntimo que Jesus desejava ter com seus discípulos [...], destaca a ligação orgânica e vital entre Jesus e seus seguidores” (BEALE; CARSON, 2014, p. 615). Nesse texto, Deus Pai está representado na figura do agricultor, Jesus na figura da videira e os seus discípulos representam os ramos. Nessa

direção, convém salientar que os discípulos de Jesus “[...] glorificam o Pai produzindo muito fruto (Jo 15.8) [...], Jesus cita como fruto do cristão verdadeiro a oração (Jo 15.7), a alegria (Jo 15.11) e o amor (Jo 15.12)” (BÍBLIA DA ESCOLA BÍBLICA, 2016, p. 1560).

Quanto ao discipulado, a figura da videira e seus ramos ensina como deve viver ou permanecer o cristão. A fonte de vida não está nos ramos (os cristãos), mas na videira verdadeira. Os ramos, sem a videira, não podem produzir frutos e ficam sem nenhuma utilidade (A BÍBLIA DA MULHER, 2010, p. 1667). A produção de frutos no discipulado está diretamente relacionada à condição de assumir o padrão de Cristo: aprender os ensinamentos do mestre a fim de se parecer com Ele (HARRISON, 2017, p. 338). Entende-se, assim, que “não basta apenas se declarar seguidor de Cristo. Antes, é necessário de fato estar conectado a Ele e produzir fruto. A união com Jesus torna o crente produtivo para o Reino” (BÍBLIA DA ESCOLA BÍBLICA, 2016, p. 1560). Por isso, “fica claro que o discipulado tem que sair da esfera do ensino teórico e passar para o campo do envolvimento pessoal, relacional, prático para que se possa colher bons resultados” (CANELLATO, 2017, p. 67). O resultado do ministério de discipulado para o ser humano é algo dramático, poderoso e transformador (EIMS, 2002, p. 37). Por isso, pode-se afirmar que cultivar o discipulado relacional deve ser prioridade e prática habitual nas igrejas locais.

2.3 O MESTRE JESUS E O PRINCÍPIO DA INSTRUÇÃO

Acerca da importância da instrução dos discípulos, vale reforçar que, conforme Harrison (2017, p. 143), o segundo período do ministério de Jesus na Galileia foi evidenciado pela presença dos seus doze discípulos como auxiliares escolhidos. A assistência às multidões prosseguiu, porém houve também um empenho da parte do Mestre de promover a capacitação dos seus discípulos. É relevante destacar que “Jesus não foi para os grandes centros da Judeia e nem comissionou os principais rabinos e mestres [...]. Ele escolhe discípulos [...] sem qualificações de liderança. Mas investiu na preparação deles” (NEVES, 2018, p. 27).

O registro de Marcos aponta para essa relevância: “Ele lhes disse: A vocês foi dado o mistério do Reino de Deus, mas aos que estão de fora tudo é dito por parábolas” (Mc 4.11).

Dessa forma, entende-se que “além de fazer daqueles homens seus discípulos, levando-os a participar com Ele no dia a dia de seu ministério, Jesus dedicava tempo à instrução dos doze” (EIMS, 2002, p. 38). Cristo escolheu doze aprendizes, oferecendo-lhes instrução formal e informal no intuito de capacitá-los para a proclamação do Reino de Deus (SANNER, 2006, p. 243). Nessa direção, conforme Cavalcanti (2017, p. 28), pode-se afirmar que os Evangelhos apresentam a instrução dos discípulos, destacando os episódios mais simples do cotidiano. Ademais, Jesus emitiu a primeira instrução aos seus discípulos, registrada por Mateus na seguinte forma: “Jesus enviou estes doze e lhes ordenou, dizendo: Não ireis pelo caminho das gentes, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10.5).

O Mestre deu instruções específicas aos doze quanto àquilo que não deveria ser levado por eles na missão: “Não possuais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos; nem alforjes para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão, porque digno é o operário do seu alimento” (Mt 10.9-10). No relato de Marcos, Jesus “ordenou-lhes [aos discípulos] que não levassem nada para o caminho, exceto um bordão; nem pão, nem sacola, nem dinheiro; e que fossem calçados de sandálias e não usassem duas túnicas” (Mc 8.9).

Quanto a essas diretrizes, para Bruce (2016, p. 109), o valor intrínseco e constante está no espírito e não na mera letra. Na verdade, o que Cristo esperava era que os seus discípulos fossem imediatamente e do jeito que estavam; sem a preocupação com comida e vestimentas ou alguma necessidade corporal, deixando essas coisas sob o cuidado do Pai. É possível inferir que “essas instruções só se aplicaram a esta missão específica de duração limitada [...]” (HARRISON, 2017, p. 54).

Jesus também recomendou aos seus discípulos usar a saudação de paz (*shalom*) onde fossem recebidos. Do contrário, eles deveriam retirar essa declaração. Quanto a essa instrução, segundo Neves (2017, p. 33), a casa reconhecida como digna é aquela na qual o dono recebe voluntariamente a declaração de paz mediante o Evangelho. Nessa situação, o discípulo, se convidado, deveria entrar e ficar hospedado o tempo suficiente para proclamar as Boas-Novas (Lc 9.5-21). O conceito de hospitalidade, para Comfort e Elwell (2015, p. 828), está totalmente assegurado na Bíblia. O exercício dessa generosidade era comum nos tempos do AT e NT (Gn 18.2-8,16; Gn 19.1-8; Gn 24.15-61; Jz 13.15; Jz 19.14-24; 2 Rs 4.10; Lc 10.7; Hb 13.2; 1 Pe 4.9; 3 Jo 1.5-8). Ser hospitaleiro era uma das qualificações exigidas para quem aspirava ao episcopado (1 Tm 3.2; Tt 1.8).

O Mestre, em função das oposições e rejeições que seus discípulos sofreriam, deu-lhes orientações específicas: “E, se algum povoado não os receber nem os ouvir, sacudam a poeira dos seus pés quando saírem de lá, como testemunho contra eles” (Mc 6.11).

Quando Jesus emitiu a expressão “sacudam a poeira dos seus pés”, na verdade, ele estava procurando dizer que “a responsabilidade pela rejeição deveria repousar sobre a cabeça daqueles que a praticassem. Era costume dos judeus, depois de sair de uma terra pagã, sacudir dos seus calçados o pó daquele lugar” (Sanner, 2006, p. 259). Com essa orientação, na perspectiva de Neves, “Jesus estava preparando os discípulos para que eles aprendessem a lidar com as rejeições sem se magoarem e perderem o propósito, pois cada um é responsável pelas suas escolhas” (NEVES, 2017, p. 34).

Conforme Mateus 10.16-20, Jesus também chamou a atenção dos seus discípulos para uma ação prudente na missão designada. No texto referenciado, conforme Earle (2006, p. 83-84), Jesus adverte os doze quanto às perseguições futuras. A predição não só faz referência à viagem imediata que esses homens estavam fazendo, como a toda a jornada ministerial que estava por vir. Eles sairiam “como ovelhas entre lobos” (v.16). Em Atos dos Apóstolos é possível encontrar uma narração vívida deste enunciado de Cristo. Os discípulos precisavam ser cautelosos e sinceros na missão designada, pois chegaria o tempo no qual seriam conduzidos aos tribunais, governadores e reis. Além disso, sofreriam açoites nas sinagogas (vs. 17-18). Quando estivessem presos, contudo, eles não deveriam se preocupar com sua defesa (v. 19), porque o Espírito do Pai lhes concederia as palavras adequadas que deveriam dizer (v. 20).

O Mestre instruiu os doze, a fim de que ensinassem outros discípulos a guardar tudo que ele havia ordenado (PHILLIPS, 2008, p. 129). Na verdade, Cristo ensinava com um firme propósito, investindo também na utilidade de aprendizagem dos seus seguidores. Quanto a esse aspecto, Piletti emite o seguinte posicionamento: “Quando o que se aprende tem uma utilidade prática, aprende-se mais depressa e, enquanto a aprendizagem for utilizada, não será esquecida” (PILETTI, 2018, p. 63). No contexto da preparação dos discípulos do Senhor, ressalta-se que Cristo era prático, pois oferecia aos seus discípulos um ensino participativo (CANELLATO, 2007, p. 66). A eficácia da sua instrução era surpreendente, pois Ele conduzia essas pessoas à imaginação da cena citada. Dessa forma, conseguia por horas manter a atenção dos seus ouvintes (NEVES, 2018, p. 28).

Os discípulos, em vista do ensino de Jesus, tornavam-se participantes ativos. Sendo assim, Canellato aponta para um aspecto relevante: “À medida que ele desenvolvia seu discipulado junto aos seus discípulos, se observava um crescimento espiritual em suas vidas: aprendiam e cresciam, pois aprendiam por ele”

(CANELLATO, 2017, p. 65). O discípulo aprende, no parecer de Guimarães (2018, p. 42), os estatutos de Deus por meio da conexão mente-espírito. Isso é possível porque a consciência do aprendiz cria uma inteligência interativa com Deus. Os métodos que Jesus usou não eram modernos para a época e os mestres judeus conheciam a maioria deles. Contudo, a forma como Cristo os utilizava imprimia uma diferença na aprendizagem dos seus ouvintes e discípulos. Mas, acima de tudo, o que os impressionava era a perfeita relação dos ensinamentos do Mestre com seu modo de viver.

3. O DISCIPULADO BÍBLICO E O SENTIDO DA OBEDIÊNCIA

De uma forma geral, o termo obediência significa o “ato ou exemplo de submissão ao [...] comando de uma autoridade, estar em conformidade com as reivindicações e pedidos de alguém que está acima de nós” (COMFORT; ELWELL, 2015, p. 1322). No NT a postura obediente do discípulo configura-se como um requisito essencial para o ingresso desse aluno na escola do discipulado. Convém ressaltar que “no AT *sama*’ transmite o significado tanto de ‘ouvir’ quanto de ‘obedecer’. Israel deve ouvir a voz de Javé e agir numa resposta obediente” (ELWELL, 2009, p. 37).

É interessante frisar que, em relação ao NT, “o vb. *peitharchoo* (obedecer) é usado para a obediência a Deus (At 5.29), e, também, a outros seres humanos (27.21) [...]. Em Tito 3.1, é identificado como ser submisso a governantes e autoridades” (VERBRUGGE, 2018, p. 471). Vale frisar que “Na LXX, *sama*’ é regularmente traduzido por palavras cognatas de *akouein*, que também expressa o relacionamento íntimo entre ouvir e corresponder” (ELWELL, 2009, p. 37). Assim, fica evidente que “a obediência a Deus e às autoridades humanas é uma obrigação enfatizada tanto no AT quanto no NT” (COMFORT; ELWELL, 2015, p. 1322).

Seja no AT ou no NT, “a conexão entre ouvir e obedecer é, portanto, essencial [...]. Quando a revelação divina é seu assunto, o homem deve responder com obediência” (ELWELL, 2009, p. 37). Era isso que *Yahweh* esperava do seu povo: “Fique atento, e ouve, ó Israel; neste dia tornaste o povo do Senhor, teu Deus. Portanto, obedecerás à voz do Senhor, teu Deus, e cumprireis os seus mandamentos” (Dt 27.9,10). As bênçãos do Senhor sobre Israel, em função da aliança firmada no Sinai, estavam relacionadas à condição de ouvir sua voz e à atitude de obediência no cumprimento da aliança (Ex 19.5) (COMFORT; ELWELL, 2015, p. 1322). Essa constatação também permite afirmar que “não é suficiente ouvir a voz de Deus, devemos também obedecer. A obediência é uma parte da honra que devemos a Deus. ‘Se eu for Pai, onde está minha honra?’ (Malaquias 1:6)” (WATSON, 2019, p. 44). Desse modo, é viável atestar que “a obediência é o primeiro distintivo do discípulo [...]. Somente os que obedecem à Palavra de Deus demonstram seu amor a ele” (PHILLIPS, 2008, p. 41). Jesus esperava que as pessoas, quando chamadas por ele, deixassem tudo para segui-Lo.

Compreende-se que “obedecer a lei, em sentido legal [...] nenhum homem pode [...]. Mas, em um verdadeiro sentido do evangelho, podemos obedecer à Lei Moral para encontrar aceitação” (WATSON, 2019, p. 44). Nessa direção, a história do jovem rico (cf. Mt 19.16-22; Mc 10.17-31; Lc 18.18-30) ajuda a assimilar o sentido da obediência nas Escrituras. O evangelista Mateus inicia a narrativa assim: “E eis que, aproximando-se dele um jovem, disse-lhe: Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna?” (19.16). Com essa pergunta, o jovem “[...] revelou seu problema. Ele queria saber o que fazer para herdar a vida eterna. A ênfase de Jesus estava sempre na atitude do coração, não nas obras” (A BÍBLIA DA MULHER, 2010, p. 1492).

A inquirição do jovem, para Bonhoeffer (2016, p. 46), demonstra que ele estava ali para conversar com o bondoso rabino a respeito de vida eterna. Porém, com essa indagação, percebeu que estava diante do próprio Deus. Dessa forma, não seria possível receber resposta alguma de Jesus que não apontasse para o

mandamento do Senhor. A resposta não viria da opinião pessoal de algum “Mestre”. Jesus assegurava que “ninguém é bom, senão um, que é Deus” (Lc 18.19b).

Essa declaração revelou sua condição de Filho perfeitamente obediente. Na visão de Bonhoeffer, o esmorecimento do jovem diante do conflito ético foi o fator que impediu sua obediência ao Senhor. O mancebo rico não conseguiu renunciar suas posses e ser um discípulo de Cristo, pois “aquele que recebe o chamado deve deixar a situação em que se encontra, impossibilitado de crer, para outra em que, acima de tudo, possa crer” (BONHOEFFER, 2016, p. 37). A chamada para o discipulado foi concreta: “Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me” (Mt 19.21). Nessa perspectiva, pode-se afirmar que “o chamado concreto de Jesus e a obediência [...] têm sentido irrevogável. Jesus chama a uma situação concreta em que a fé é possível [...]” (BONHOEFFER, 2016, p. 57).

Entende-se, pelo desfecho da narrativa, que “[...] a perfeição exigia que ele vendesse [...] suas propriedades e distribuísse todos os proventos entre os pobres. Isso porque o dinheiro [...] era o principal objetivo da sua vida” (EARLE, 2006, p. 138). Aquele jovem, contudo, preferiu manter-se dependente da sua própria riqueza a viver submisso ao Mestre Jesus (Mt 19.21-22; Mc 10.21-22; Lc 18.22-23). Vale enfatizar que o contexto dessas narrativas revela que Jesus Cristo de forma alguma estava “[...] condenando as pessoas ricas [...]”. Mas os judeus, muitas vezes, interpretavam a riqueza como sinal da bênção de Deus no sentido de um ingresso garantido no céu” (A BÍBLIA DA MULHER, 2010, p. 1492). Ao comentar sobre a resposta de Jesus à pergunta proferida pelos discípulos: “Sendo assim, quem pode ser salvo?” (Mt 19.25-26), Bonhoeffer ressalta que “a resposta de Jesus confirma que eles acertaram na interpretação de suas palavras. Ser salvo por meio do discipulado não é uma possibilidade ao alcance dos seres humanos, mas para Deus tudo é possível” (BONHOEFFER, 2016, p. 60).

A resposta do ser humano, no parecer de Dever (2016, p. 17), ao amor radical do Senhor é amá-lo também de forma radical. Bonhoeffer apresenta alguns motivos que impedem o ser humano de amar Jesus acima de todas as coisas e segui-lo.

Onde a obediência simples é, por princípio, eliminada, novamente a graça preciosa do chamado de Jesus se transforma em graça barata que serve à autojustificação. Cria-se aí, além disso, uma falsa lei, que dificulta para o ser humano ouvir o chamado concreto de Jesus [...] As forças que atuam contra a obediência simples só são vencidas pela obediência verdadeira ao chamado gracioso de Jesus ao discipulado, no qual a lei é cumprida pelo próprio Cristo e por ele é anulada (BONHOEFFER, 2016, p. 58).

Jesus enfatizou: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mt 11.15; 13.9, 15-16; Mc 4.9,23; 8.18; Lc 14.35; Ap 2.7; 3.6; 13.9). Essa declaração, conforme Earle (2006, p. 88), é, simultaneamente, um convite e uma advertência para o ser humano ouvir com atenção as palavras de Cristo. Em Lucas 6.46-49, na parábola dos dois fundamentos, Jesus inicia com a seguinte pergunta: “Por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?” (v.46). A partir dessa breve introdução, ele passa a advertir seus ouvintes sobre as consequências de edificar uma casa na areia (aquele que ouve as suas palavras, e não as pratica) ou uma casa na rocha (aquele que ouve as suas palavras, e as pratica). Nessa direção, Jesus se mantém, segundo Elwell (2009, p. 37), na tradição profética veterotestamentária quando Ele chama o povo de Israel para o discipulado que abrange essencialmente o “fazer”. Quando uma voz no meio da multidão bendiz Maria, o Senhor responde que são bem-aventurados aqueles que ouvem e guardam a Palavra de Deus (Lc 11.28; cf. Jo 10.16, 27; 15.5, 10).

4. O DISCIPULADO ADOTADO POR CRISTO E A RENÚNCIA

O chamado ao discipulado tem um alto preço: a renúncia (Lc 14.26-27). Em meio à multidão que acompanhava Jesus, conforme Childers (2006, p. 449), estavam os verdadeiros discípulos, os inimigos ávidos do Mestre e os parasitas egoístas à procura de vantagens. Cristo declarou que seus discípulos deveriam estar totalmente comprometidos com o seu reino. Para tanto, era necessário renunciar a tudo: “Da mesma forma, qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo” (Lc 14.33). A Palavra do Senhor, para MacDonald (2009, p. 2), sempre prevalecerá. O que Ele disse é exatamente o que deseja. Não importa quanto as pessoas reclamem dessa exigência radical. Na verdade, não existem outros caminhos para o discipulado. Quem almeja ser um aprendiz do Senhor precisa “[...] se humilhar, renunciar aos seus pecados e negar a si próprio para entrar. Em seguida, deve tomar sobre si a sua cruz. Isso significa a morte do eu, ser crucificado com Cristo (Rm 6.6; Gl 2.10)” (EARLE, 2006, p. 120).

O Mestre escolheu, mas também, “[...] exigiu que seus discípulos abandonassem tudo o que tinham, até mesmo a própria vida, se necessário fosse, para segui-lo. Eles teriam que atingir o seu padrão” (PHILLIPS, 2008, p. 91). O custo do discipulado, conforme a Bíblia da Mulher (2010, p. 1601), precisa ser avaliado cuidadosamente antes de ser assumido, pois Jesus deve estar no centro da vida de seus seguidores. Em suma, “o discipulado exige renúncia a tudo em nome de Cristo [...], todas as pessoas devem renunciar àquilo que lhes é mais querido para que Deus possa realmente assumir o primeiro lugar em suas vidas” (Earle, 2006, p. 138). Quando a obediência é eliminada, “[...] a graça preciosa do chamado de Jesus se transforma em graça barata que serve à autojustificação. Cria-se aí, além disso, uma falsa lei, que dificulta para o ser humano ouvir o chamado concreto de Jesus” (BONHOEFFER, 2016, p. 58). O coração infiel, para MacDonald (2009, p. 21), julga que é impossível acatar literalmente as palavras de Cristo e justifica que nas suas mensagens prevalecia o sentido figurativo em relação ao literário.

Os evangelhos sinóticos apontam para o custo do discipulado: Mt 16.24-28; Mc 8.34-38 e Lc 9.23-27. O Mestre Jesus estabeleceu pré-requisitos quanto à admissão dos seus aprendizes: “E, chamando a si a multidão, com seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34). Esse custo, para Bruce (2016, p. 168), também corresponde à lei do discipulado. Earle acrescenta que “não era só Cristo que deveria enfrentar a Cruz, mas também os seus discípulos” (EARLE, 2016, p. 120).

O seguidor de Cristo, na disposição de render-se incondicionalmente a Deus, tem de renunciar, segundo Cavalcanti (2017, p. 30), as inclinações carnis, o ego, e toda a forma de pecado, pois esse processo faz parte da essência da cruz. Assim, carregar o madeiro significa, para Bruce (2016, p. 168), a condenação por meio da morte e todos os inconvenientes que sobrevêm àqueles que realmente se empenham como verdadeiros discípulos de Cristo neste mundo. A renúncia dos discípulos viabilizou o compromisso com Cristo, pois o “comprometimento exige uma escolha [...]. Os discípulos estariam comprometidos com ele e negariam os seus próprios desejos [...]. Os discípulos deveriam pegar as suas cruzes [...].” (A BÍBLIA DA MULHER, 2010, p. 1486). Ter compromisso significa “[...] ligar-se a uma pessoa, a um ideal ou um alvo, não importa as consequências” (PHILLIPS, 2008, p. 46).

Pelo que foi exposto, vale sublinhar que “a obediência carrega a condição vital da religião. ‘Obedece a voz do Senhor Deus’, e cumpre os seus mandamentos” (WATSON, 2019, p. 44). Esse requisito é capaz de cumprir os preceitos do Senhor, porque na sua essência está o amor a Deus. Assim, “o próprio Jesus, na noite em que foi traído, enfatizou, repetidamente, que o amor por ele é medido pela obediência aos seus mandamentos (Jo 14.15,21,23,24; 15.10) (COMFORT; ELWELL, 2015, p. 1322). É certo que “o discipulado

tem seu preço e envolve muita renúncia daqueles que nele se envolvem para valer” (SOUSA, 2016, p. 11). Contudo, o valor da disposição obediente de um discípulo tem a capacidade de pavimentar a estrada do discipulado para as futuras gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou ampliar a compreensão de termos importantes, como discípulo, discipulado e obediência no contexto bíblico-teológico. Também propôs auxiliar na comprovação da validade da ordenança da Grande Comissão como uma tarefa múltipla e contínua para os dias atuais, Nesse sentido, a organização do discipulado apresentado por Cristo é um fator preponderante para se compreender a natureza, o significado e o sentido do discipulado. O discipulado proposto e cultivado por Jesus priorizou a capacitação dos seus aprendizes. Após uma cuidadosa seleção, o Mestre habilitou seus discípulos com uma instrução pautada na obediência a Deus e uma convivência intensa por três anos.

Nas palavras de Jesus, registradas em Mateus 28.19-20, os discípulos puderam compreender o valor e o sentido do acatamento à ordem de discipular pessoas de todas as nações. Essa ordenança continua válida nos dias atuais e discipuladores e discipulandos podem contar com o auxílio do Senhor até a consumação dos séculos. Todos esses discípulos fizeram algum tipo de renúncia para atender imediatamente ao chamado do Mestre. O processo de fazer discípulos envolvia responsabilidade na escolha, eficácia do ensino e dinamismo relacional baseado no amor a Deus e ao próximo. Esses princípios precisam estar inseridos na capacitação de discipuladores e no exercício do discipulado a fim de promover a expansão do Reino de Deus.

Por fim, pode-se afirmar, por meio desta análise, que é de suma importância que a igreja na atualidade invista na busca por fundamentação teológica, histórica e interdisciplinar, revisitando, principalmente, os primórdios do discipulado nas Escrituras Sagradas. Assim, líderes e membros da igreja local estarão aptos para o cumprimento da ordenança da Grande Comissão. Tem-se consciência de que o conteúdo apresentado neste artigo não encerra as discussões a respeito do discipulado. Mas, espera-se que a presente pesquisa contribua para tornar a arte de fazer discípulos um estilo de vida dentro e fora do âmbito eclesial.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, J. P. D. **O modelo do discipulado de Jesus Cristo aplicado à igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério de Madureira – AD ARSE II2 em Palmas-TO.** Trabalho final de Mestrado Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Teologia. Faculdades EST. São Leopoldo, 2020. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1063/1/arantes_jpd_tmp668.pdf. Acesso em: 21 out. 2021.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia da mulher.** Edição Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- BÍBLIA, Português. **Bíblia da Escola Bíblica.** Edição Almeida Revista Atualizada. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.
- BONHOEFFER, D. **Discipulado.** Traduzido por Murilo Jardelino e Clélia Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- BOSCH, D. J. **Missão transformadora: mudanças de paradigmas da teologia da missão.** 2.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2002.

- BRUCE, A. B. **O treinamento dos doze: princípios bíblicos saudáveis para o desenvolvimento da liderança e do discipulado.** 2.ed. Santo André: Geográfica, 2016.
- CANELLATO, F. Reflexão sobre as características do discipulado adorado por Jesus. **Revista Ensaios Teológicos.** Faculdade Batista Pioneira. v. 3, n. 2. Dez. 2017 Disponível em: <http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/222/267>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- CARSON, D. A. **O comentário de Mateus.** Traduzido por Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010.
- CAVALCANTI, A. **Discipulado nas cartas de I e II Timóteo: uma abordagem contemporânea do fazer discípulos.** Curitiba: ADSantos, 2017.
- CHILDERS, C. L. **Comentário Bíblico Beacon.** vol.6. Mateus a Lucas. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- COMFORT, P. W.; ELWELL, W. A. **Dicionário Bíblico Tyndale.** Traduzido por Jorge Camargo, José Fernando Cristófalo, Marília Peçanha, Hilton Figueiredo, Lena e Regina Aranha. Santo André: Geográfica, 2015.
- DEVER, M. **Discipulado: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus.** Traduzido por Rogério Portella. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- EARLE, R. **Comentário Bíblico Beacon.** v.6. Mateus a Lucas. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- EIMS, L. **A arte de fazer discípulos.** Traduzido por João A. de Souza Filho. 2.ed. Belo Horizonte: Atos, 2002.
- ELWELL, W. A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã.** v. 1. Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- GUIMARÃES, N. dos R. **Discipulado ideal: amar a Deus e ao próximo como a si mesmo.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2018. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/4118/2/NORBERTO%20DOS%20REIS%20GUIMAR%20c3%83ES.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.
- HARRISON, E. F. **Comentário Bíblico Moody.** vol. 2. Traduzido por Yolanda M. Krievin. 2.ed. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2017.
- HENDRICKS, H. **Ensinando para transformar vidas.** Traduzido por Myrian Talitha Lins. 2.ed. Belo Horizonte: Betânia, 2015.
- JACOMINI, R. **Discipulado prático: ganhando sua cidade para Cristo.** São Paulo: Universo Teológico, 2019.
- MACDONALD, W. **O discipulado verdadeiro.** Traduzido por Emirson Justino. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.
- NEVES, N. das. **Seu reino não terá fim: vida e obra de Jesus segundo o Evangelho de Mateus.** Lições bíblicas jovens CPAD. Rio de Janeiro, 1º trimestre, 2018.
- PHILLIPS, K.W. **A formação de um discípulo.** Traduzido por Elizabeth Gomes. 2.ed. São Paulo: Vida, 2008.
- PILETTI, N. **Aprendizagem: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2018.
- SANNER, A. E. **Comentário Bíblico Beacon.** vol. 6. Mateus a Lucas. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- SOUSA, J. J. **O discipulado numa perspectiva bíblica, teológica e pastoral.** Trabalho final de Mestrado Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Teologia. Faculdades EST. São Leopoldo, 2016. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/775>. Acesso em 21 maio 2021.
- STERN, D. H. **Comentário judaico do Novo Testamento.** Belo Horizonte: Atos, 2008.

VERBRUGGE, D. V. **Novo dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. Traduzido por Alexandos Meimaridis, Paulo Sérgio Gomes. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WATSON, T. **Obediência evangélica: introdução ao comentário dos dez mandamentos**. Tradutor Hudson Thiago. Natal: Nadare Reformatie, 2019.